

NARRATIVAS DO CONTATO E DEMANDAS POR UMA FORMAÇÃO SUPERIOR EM LÍNGUA MACUXI EM RORAIMA

PAULO FERNANDO DE LUCENA BORGES FERREIRA¹

[ORCID 0000-0003-1046-4573](https://orcid.org/0000-0003-1046-4573)

ANANDA MACHADO²

[ORCID: 0000-0002-3363-2587](https://orcid.org/0000-0002-3363-2587)

Resumo: Este estudo tem por finalidade compreender melhor como se deram os primeiros contatos com a Língua Macuxi em três profissionais distintos. Para cumprir esse propósito foi selecionada bibliografia atinente ao diálogo teórico com o tema, como a exemplo de Polak (1989), Ong (1998), Bruner (2004), Maher (2007), Repetto (2008), Santos (2011). Por meio de modelo quantitativo de dados que utilizou entrevista composta de cinco perguntas gravadas e respondidas utilizando aplicativo de rede social, houve maiores percepções sobre a abordagem da presente temática possibilitando a satisfação dos objetivos delimitados na pesquisa. Compreender essa realidade pode possibilitar melhor entendimento sobre narrativas que ajudem a identificar os contextos de contato com a Língua Indígena Macuxi em Roraima e identificar possibilidades geradoras de uma demanda por um Curso Superior de Língua Macuxi na UFRR ou, ainda, ampliar o conhecimento pela sociedade geral que já tem havido disponibilidade de um curso de extensão desta língua indígena em três módulos, que tem sido ofertado pelo Instituto de Formação Superior Indígena Insikiran, da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Palavras-chave: Língua Macuxi; Narrativa; Formação Superior.

¹ Bacharel em Direito (FACES), Pedagogo (FACEL), Licenciado em Letras Português/Espanhol (FA-TEUNI) e Especialista em Atendimento Educacional Especializado – AEE e Educação Inclusiva (IPEMIG). Mestrando turma 2018.1 no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Roraima. E-mail: prof.lucenaferreira@gmail.com

² Professora Doutora efetiva no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Roraima. Doutorado em História Social (UFRJ), Mestre em Memória Social (UERJ), Licenciada em Artes Cênicas (UERJ), Especialista em Educação Indígena (Universidade Fluminense). E-mail: ananda.machado@ufr.br

NARRATIVES OF CONTACT AND DEMANDS FOR HIGHER EDUCATION IN MACUXI LANGUAGE IN RORAIMA

Abstract: This study attempts to present the narratives of three professionals who, for the first time, made contact with the Macuxi Language in Roraima, following the orientations of the theories developed by Polak (1989), Ong (1998), Bruner (2004), Maher (2007), Repetto (2008), and Santos (2011). A recorded interview with a five question questionnaire was used to collect the data via an online app. The data analysis revealed the reality behind the narratives in order to identify the Macuxi Language contact contexts within the Roraima State. Based on the results, together with the current Macuxi Language courses offered by the Federal University of Roraima to the general community, this study reassures the demands for the creation of a university level course on the Macuxi Language to be offered by the *Instituto de Formação Indígena Insikiran* in the same university.

Key words: Macuxi, Narrative, Higher Education

Submetido em: 15/01/2019

Aceito em: 11/03/2019

RELATOS DEL CONTACTO Y LAS SOLICITACIONES DE UNA FORMACIÓN SUPERIOR EN LENGUA MACUXI EN RORAIMA

Resumen: Este estudio tiene la finalidad de comprender mejor cómo acontecieron los primeros contactos de la Lengua Macuxi con tres profesionales renombrados. Para cumplir ese propósito se seleccionó la bibliografía relacionada con el diálogo teórico del tema, por ejemplo, Polak (1989), Ong (1998), Bruner (2004), Maher (2007), Repetto (2008) y Santos (2011). Ya en moldes cuantitativos, para la composición de los datos se contó con la ayuda de una entrevista compuesta de cinco preguntas grabadas y respondidas, utilizando una aplicación de red social. Esas informaciones fueron suficientes para satisfacer los objetivos delimitados en la investigación. Comprender esa realidad proporcionó mejor entendimiento sobre las narrativas que ayudan a identificar los contextos de contacto con la Lengua Indígena Macuxi de Roraima e identificar posibilidades generadoras de la solicitud de un Curso Superior de Lengua Macuxi en la UFRR o, incluso, llevar a conocimiento de la sociedad que ya existe un curso de extensión de esa lengua indígena, dividido en tres módulos, que es ofrecido por el Instituto de Formación Indígena Insikiran en la Universidad Federal de Roraima - UFRR.

Palabras clave: Lengua Macuxi; Narrativa; Formación superior.

INTRODUÇÃO

A Língua Macuxi tem maior utilização e prática em Roraima por moradores das comunidades indígenas locais e por moradores da região. Há que se compreender ainda que há diversos e amplos sentidos que expõem diferentes

peças ao contato com essa língua dos povos indígenas de Roraima, incluindo desde os interesses religiosos aos econômicos.-

Nessa perspectiva relacionada à convivência inicial do uso desta língua indígena, este estudo tem por escopo revelar como se deram os primeiros contatos com a Língua Macuxi em três casos diferentes. Interrogamos também aos três entrevistados se seria importante a criação de um curso de Formação Superior nesta língua indígena de Roraima.

A pesquisa teve por alicerce dados produzidos em entrevistas obtidas através de aplicativo de rede social com um jovem Professor do Curso de extensão de Língua Macuxi do Instituto de formação Superior indígena Insikiran W. C. M. (17 de dez. 2018), a Professora do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Dra. A. M. (18 de dez. de 2018) e o ex-professor do Curso de extensão de Língua Macuxi I. C. A. (20 de dez. de 2018). Cada um desses participantes da pesquisa teve uma vivência muito diferenciada e peculiar do primeiro contato com a Língua Macuxi. Suas narrativas trazem o relato memorial de suas próprias personalidades em relação ao uso desta língua dos povos indígenas de Roraima.

As análises das narrativas dos entrevistados abordaram, como a exemplo do dito por Fiorin (2011), relações ideológicas, históricas, culturais e políticas de um determinado discurso discricional, visando com isto, ampliar o conhecimento por meio de discursos orais obtidos em declarações de três profissionais que revelam suas experiências pessoais memorativas vivenciadas de seus contatos com a Língua Macuxi. Suas falas revelaram demandas que têm se apresentado na luta de lideranças indígenas e no ambiente acadêmico que sinalizam a necessidade de uma formação superior em Língua Macuxi.

Compreender essa relação de contato linguístico ainda pode motivar uma maior visibilidade e revitalização da importância do conhecimento e manutenção desta e de outras línguas indígenas de Roraima, oportunizando até mesmo formação de profissionais academicamente preparados para esta finalidade.

2 NARRATIVAS DO CONTATO E DEMANDAS POR UMA FORMAÇÃO SUPERIOR EM LÍNGUA MACUXI EM RORAIMA

A narrativa pode representar um grupo coletivo de pessoas bem como um recorte narrativo de uma personalidade, em se tratando de um determinado

indivíduo, carregando, em suas performances descritivas da fala, elementos de sua própria historicidade, de suas visões de mundo, de seus contatos com diferentes grupos sociais e diversas culturas, como o tratado nas abordagens teóricas de Bruner (2004) uma vez que considera a vida como sendo uma narrativa.

Ao passo que se descreve a vida por meio de representações descritivas das experiências pessoais dos indivíduos, há que se compreender, também, que existe uma grande teia de interrelações e intrarrelações originadas nas representações culturais de um determinado povo, como a exemplo da língua falada pelos indivíduos a que lhe pertence (GEERTZ, 2008). Os povos indígenas de Roraima estão dentro desta realidade, onde tanto pertencentes a estes povos, como outros indivíduos que, de alguma forma e por diferentes motivos, entraram em contato com essas riquezas culturais vindo a serem parte ou estarem em constante contato com ela (REPETTO, 2008).

Profissionais que atuam no Instituto de formação Superior indígena Insikiran estão imersos neste contexto, pois ali possuem uma clientela formativa, em sua grande maioria, formada de indígenas pertencentes aos povos originários de Roraima. Dessa forma, esta abordagem teórica se debruçou em compreender como esses indivíduos passaram a ter um contato com a Língua Macuxi e como esta língua indígena é utilizada nas suas práticas do dia-dia. É o que passaremos a observar logo a seguir.

Aprofundando a tradução dos dados de campo, o roteiro de pesquisa semiestruturada com perguntas abertas, que segundo Cervo e Bervian (2002) surge como recurso facilitador da representação de determinada realidade em análise, se pautou em cinco perguntas, a saber:

1. Você compreende que é importante ter o conhecimento da Língua Macuxi?
2. Qual seu primeiro contato com a Língua Macuxi? Explique, por favor, sua resposta.
3. Esse contato foi o que motivou a busca pelo conhecimento da Língua Macuxi?
4. Você utiliza a Língua Macuxi num contexto familiar pessoal ou apenas de maneira profissional?
5. Você entende que, assim como o curso de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Língua Francesa, que já são ofertados pela UFRR, seria importante possibilitar a oferta de um curso de formação superior em Língua Macuxi?

O primeiro entrevistado a responder às perguntas foi o Professor do Curso de extensão de Língua Macuxi o Instituto de formação Superior indígena Insikiran Sr. Weliton Costa Mafra. Entrevista oral gravada por meio de aplicativo de rede social (whatsapp) concedida no dia 17 de dezembro de 2018. A transcrição e análise desses dados originados em entrevista verbal estão apresentadas a seguir se utilizando, como o descrito por Manzini (2006), de expressões e informações, mesmo que recortadas, que ajudam a corresponder à abordagem teórica com as vivências e experiências pessoais e memorativas daqueles que são participantes de uma realidade tal qual esta se realiza ou se realizou.

Às perguntas, W.C.M. (2018) teceu as seguintes considerações:

Pergunta 1:

Sim é muito importante ter o conhecimento da língua indígena. Porque até então é importante pra cada um indígena saber também a sua cultura porque tá morrendo essa cultura, ninguém sabe mais... ninguém fala mais a sua própria Língua... o povo com vergonha. Hoje em dia não têm mais esses falantes muito (W.C.M., 2018).

Pergunta 2:

O meu primeiro contato foi que no Ensino Fundamental eu fui morar no interior ... aí lá tinha essa disciplina da Língua Macuxi... então daí eu fui me aprofundando mais na Língua Materna e me dedicando, me esforçando até conseguir concluir a Língua Macuxi. É importante cada um indígena saber a sua própria Língua, sua própria Cultura, entendeu? (W.C.M., 2018).

Pergunta 3:

E foi esse primeiro contato que eu tive o interesse da Língua Materna... mas nos meus dezesseis anos de idade eu comecei a fazer curso de Língua Macuxi porque eu achei bonito essa Língua... aí eu fui pesquisar aonde tinha essas... essas disciplinas na Língua Materna... aí eu fui e consegui no Insikiran. Lá no Insikiran tem o nível um, nível dois, e nível três e avançado na Língua Materna. Aí me aprofundei mais.. e daí eu comecei nível um, nível dois, e nível três, até o avançado. Até concluir a Língua Materna (W.C.M., 2018).

Pergunta 4:

Eu utilizo ela na maneira profissional, porque até eu dou aula na área, eu atuo na área. Eu utilizo ela mais de maneira profissional mesmo (W.C.M., 2018).

Pergunta 5:

“Sim seria importante, até então não tem a graduação na Língua Materna, só tem nessas outras áreas que você citou [...] Então acharia importante terem essa iniciativa de colocar uma graduação na área Macuxi... que é uma disciplina... nas comunidades já tem já essa área... nas zonas rurais (W.C.M.2018).

Fleuri (2001) destaca que é muito importante a revitalização de diferentes aspectos da cultura que constitui os povos nacionais brasileiros. À medida que se viabiliza o aprendizado de uma língua nativa de um povo indígena de Roraima se proporcionam mecanismos para a manutenção desses aspectos presentes na própria cultura e identidade nacional.

Pela resposta parece ser essa percepção de valorização dos aspectos multi-culturais que levaram W.C.M. (2018) a aprender mais sobre a Língua Macuxi. Este professor que atua no curso de extensão de Língua Macuxi no Instituto de formação Superior indígena Insikiran de formação Superior da UFRR ainda declara que, caso essa revitalização e maior valorização desse traço cultural não sejam mais amplamente propagados, talvez, no futuro, não haja mais falantes desta língua indígena dos povos originários de Roraima.

Dos relatos de W.C.M. (2018) se pôde perceber que seu contato se deu por meio de seu maior interesse com a Língua Macuxi, levando-o a pesquisa como poderia obter mais recursos linguísticos sobre essa Língua. Segundo Dubois (2011), essas línguas virão à extinção, sumindo, dessa forma, parte de um riquíssimo contexto de suas identidades étnicas nacionais.

Sobre o assunto, em sua tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo – USP, Abbonizio (2013) esclarece que mesmo sendo um dos elementos da identidade étnica do indígena urbano, a língua indígena é tida como um traço proeminente que deve ser valorizado e revitalizado, evitando seu desuso e inexistência. Muito se destaca no aprendizado da Língua Espanhola, Língua Inglesa, como conteúdo de inclusão numa política formativa ainda dentro do contexto etnocêntrico.

Entretanto, modelos hegemônicos e etnocêntricos devem ser superados dando voz às minorias como destaca Bhabha (2013), o que possibilitaria representatividade da pluralidade de povos que compõem a matriz histórica e cultural brasileira. Esse posicionamento ainda favoreceria a revitalização de diferentes perspectivas identitárias que se fundamentam na perspectiva étnica desses povos.

A língua se apresenta como uns desses traços que, somados, consubstanciam aquilo que se identifica como determinado povo indígena, em diferenciação a outro povo de outra região ou ainda, com aquilo que se considera como o não índio (SILVA, 2011).

A narrativa descritiva dessa demanda apontada por Mafra (2018) se direciona no sentido de que permitir a criação de um Curso de formação Superior em Língua Macuxi se amoldaria a essa demanda de manter viva essa valorização da cultura dos povos indígenas brasileiros. A narrativa tem essa maravilhosa capacidade de descrever contextos mais amplos e pessoais de visões de mundo, criando cenários de tradução de vivências e experiências do todo para a pessoa e da pessoa para o todo (BRUNER, 2004).

No dia 18 de dezembro de 2018, por meio de entrevista oral, a professora do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL/UFRR e colaboradora do Programa de Valorização das Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana no Instituto de formação Superior indígena Insikiran da UFRR, Dra. A. M., forneceu as seguintes respostas às perguntas da pesquisa:

Pergunta 1:

Sim é muito importante, ainda mais morando em Roraima que o próprio nome do Estado ‘roraimã’ (pronúncia em Macuxi) é Macuxi. Pra você entender onde você está... pra você conhecer esse território... você precisa saber a Língua Macuxi. Além de isto ser uma forma de respeitar os povos que fazem parte da formação deste Estado. [...] Esse foi um lado para o qual eu migrei... então a cada vez que eu conheço mais palavras, que eu conheço mais da cultura Macuxi, mais eu acho interessante e entendo que merece ser divulgada e valorizada, sobretudo para quem é Macuxi né... Pois trabalhar com quem é Macuxi e desconhece sua Língua ainda é um desafio (A.M., 2018).

Pergunta 2:

Meu primeiro contato foi numa oficina realizada em janeiro de 2009 no Instituto Insikiran, ali na casa do Estudante Indígena com alunos que se juntaram para colaborar com uma oficina de teatro e bonecos nas Línguas Indígenas, diversidade de Linguagens e Políticas Linguísticas... aí eu ouvi a Língua Macuxi, nos paricharas, nas histórias, no teatro e quis aprender. E aí a gente começou a marcar umas aulas nos horários em que a turma tinha vago (A.M., 2018).

Pergunta 3:

Também, porque como eu vim de um Estado onde os indígenas Guaranis falam sua Língua e cheguei aqui e vi que muitos Macuxis não falavam... eu busquei me dedicar pela questão de desconstruir preconceitos e de... Ensinar mesmo! Chamar as pessoas pra aprender a falar e escrever essa Língua (A.M., 2018).

Pergunta 4:

Uso de maneira política, toda vez, por exemplo, que eu vou num evento, que eu vou falar em público eu busco cumprimentar na Língua Macuxi, me apresentar na Língua Macuxi... enfim, tanto pessoal como profissionalmente. Me orgulho muito de ter um nome em Macuxi '*Tukuipa*'... é... me orgulho muito de conhecer histórias vinculadas ao beija-flor né? Que tem a ver com a origem do meu nome em Macuxi. Sou uma pessoa privilegiada por conhecer essas narrativas, essas histórias Macuxi... e quando elas são ouvidas e lidas na Língua Macuxi elas trazem toda uma riqueza à mais do que quando elas são narradas na Língua Portuguesa (A.M., 2018).

Pergunta 5:

Com relação a questão 5, sim! É fundamental ter. É um Estado onde a maioria da população indígena é, ou Yanoami, ou Macuxi e... há muitos falantes e há muitas crianças que não falam ainda sua língua indígena. Principalmente politicamente, é importante formar professores de Língua Macuxi, estudar essa Língua, divulgar esses textos nessa Língua. Então, é urgente a criação de um curso de Professor de Língua Macuxi, seja presencial, seja à distância (A.M., 2018).

A. M. (2018) demonstra por meio de suas falas uma forte ligação com a cultura presente na prática linguística da Língua Macuxi. Esse contato perpassou o ouvir, o conhecer, o falar, o escrever e o praticar, tecendo em sua personalidade uma grande identificação com os povos indígenas nacionais. Ong (1998, p.23) define essas realizações verbais como algo realmente fabuloso, pois carrega em si uma grande quantidade de significações e elementos da própria historicidade cultural de determinado povo. O autor define essas características como “impressionantes, belas e de alto valor artístico e humano”.

A professora ainda pontua que se sente privilegiada em conhecer narrativas, histórias que lhe foram contadas do povo Macuxi e que é de fundamental importância ter um curso de Formação Superior na língua deste povo, não só para a formação de professores nesta área, mas também dar acesso a este

conhecimento cultural dos povos indígenas aos não falantes desta língua, sejam eles indígenas, ou não (A. M., 2018).

Alvim (1995) descreve que essa abertura democrática às demandas presentes nas diferentes realidades sociais daqueles que necessitam de formação acadêmica é o que torna efetiva as políticas públicas de acesso ao ambiente acadêmico de modo a compor, nos diferentes setores profissionais, indivíduos que realmente são detentores de suas autonomias cidadãs e participativas. Isto é o que tornaria de modo mais evidente o papel do espaço integrado da realidade de uma formação superior. Conforme Soriano Ayala (2001, *tradução nossa*), proporcionar autonomia aos povos indígenas e criar mecanismos para essa finalidade é um modo de assumir uma luta mais ampla contra a segregação, o isolamento e a deterioração da identidade cultural presente nos pluralismos culturais, tal qual o presente nos povos indígenas de Roraima.

Maher (2007), também tecendo comentários sobre a formação superior de professores que tratem sobre língua indígena, destaca que não há como se considerar diversidades culturais sem abranger possibilidades, aos povos indígenas, de conhecerem, entenderem e dominarem a língua de seus antepassados. Somente desta forma se poderia permitir a conservação e uma revitalização cultural tão necessários a esses indivíduos.

O terceiro e último participante, que respondeu às perguntas no dia 20 de dezembro de 2019, é o ex-professor do Curso de extensão de Língua Macuxi do Instituto de formação Superior indígena Insikiran, atualmente Advogado e membro do Conselho Indígena – CIR, Sr. Í. C. A. Aos questionamentos, este narrou o seguinte:

Pergunta 1:

“Resposta à pergunta número um: compreendo sim a importância de ter o conhecimento da Língua Macuxi” (Í. C. A., 2018).

Pergunta 2:

Resposta à pergunta número dois: O primeiro contato com a Língua Macuxi foi praticamente no berço né... a minha Língua Materna, a minha primeira Língua que aprendi, é... que foi repassada pelos meus pais, tanto a minha mãe como meu pai, meus avós, eram falantes da Língua e... todos nós fomos alfabetizados na língua Indígena Macuxi... então... eu tive esse primeiro contato com a Língua desde pequeno (Í. C. A., 2018)”.

Pergunta 3:

De certeza esse contato despertou em mim a curiosidade de aprender a escrita, porque o que nós aprendemos foi a oralidade né, mais a oralidade do que a escrita. Então isso com certeza foi um dos motivos que me fez buscar mais conhecimento da Língua Macuxi (Í. C. A., 2018).

Pergunta 4:

Bem... resposta de número quatro: Eu utilizo a Língua Macuxi no dia-dia dentro de casa com minhas irmãs, com meu pai, com minha mãe... é... com minha vó... que nós conversamos em Macuxi dentro de casa. E na rua também quando eu encontro Macuxi que eu sei que fala eu converso em Macuxi também e com professores, alguns professores que me encontram na rua, na loja, no terminal de ônibus... locais de maior circulação de pessoas onde eu encontro eles, eu converso com eles. Até os próprios indígenas que vêm das comunidades, que sabe que eu falo Macuxi, eu costumo conversar com eles. E também eu converso no trabalho com indígenas que procuram uma orientação jurídica, que a maioria que busca é Macuxi... então eles pede uma orientação jurídica e muitos não conseguem se expressar na Língua Portuguesa... então eu tento fazer o melhor atendimento na Língua Macuxi. Então eles se abrem mais, conversam, dialogam, se expõe mais é... e se expressam melhor até na própria Língua... então eu também faço uso da Língua no trabalho (Í. C. A., 2018).

Pergunta 5:

Resposta à quinta pergunta: eu sei que têm cursos de outras Línguas estrangeiras dentro da Universidade Federal... eu acredito que seria muito importante também ter um Curso é... de Língua Macuxi... um Curso... é... de Ensino Superior. Porque... ajudaria muito as pessoas que buscam aperfeiçoar é... na Língua, fazer um Curso de Especialização, inclusive eu me interesso muito a fazer esse curso é... No Ensino Superior, um Curso específico sobre a Língua, na Língua até que tenha um curso dentro da grade curricular na língua Indígena mesmo, pessoas especialistas, linguistas que pudessem ajudar também nisso. Então acredito que isso seria muito importante ter esse curso também na língua indígena Macuxi dentro da Universidade Federal (Í. C. A., 2018).

Í. C. A. (2018) relata que seu contato com a Língua Macuxi se deu por meio do ambiente familiar, “[...] com minhas irmãs, com meu pai, com minha mãe... é... com minha vó”, ou seja, a primeira língua do entrevistado foi a referida língua indígena. Cesar e Cavalcanti (2007), tecendo comentários sobre esse aspecto pessoal ligado às diferentes realizações da expressão cultural indígena brasileira, afirmam que há uma grande interação social nesses contextos das identidades nacionais. Assim sendo, isto na verdade personifica

e amplia a visão do próprio empoderamento representativo do indivíduo enquanto se reconhecer indígena.

Sobre isto, Oliveira (2003, p.39) informa que a Declaração dos Direitos Linguísticos, mais precisamente em seu artigo 46, estabelece que “toda comunidade linguística tem direito à preservação de seu patrimônio linguístico e cultural”. Partindo deste princípio, existe, sim, uma causa geradora que poderia impulsionar a criação de um Curso de Formação Superior em Língua Macuxi na UFRR, sinalizando uma maior valorização das riquezas culturais dos povos indígenas de Roraima, como abordado na fala de Aureliano (2018) bem como a devida manutenção da existência dessa língua dos povos originários do Brasil. O Estatuto do Índio Lei n.º 6.001/73 prioriza o uso da Língua Materna como uso de educação indígena, evidenciando ainda mais a necessidade de que sejam criados Cursos de Formação Superior para esta demanda social de alunos indígenas (BRASIL, 1973).

Santos (2011), em sua obra “A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade”, esclarece que as universidades, no atual momento presente, devem viabilizar o protagonismo de seus participantes em formação proporcionando o protagonismo de seus participantes, permitindo, desta forma, o exercício amplo de direitos das minorias, desenvolvendo estratégias administrativas, formativas, possibilitando ferramentas e instrumentos que personifiquem seus anseios e necessidades. Somente desta forma se criariam universidades autônomas e representativas.

Polak (1989) enfatiza que ouvir a voz das minorias é trazer à luz suas histórias, suas lutas, suas reivindicações, suas demandas coletivas, para que não sejam unilateralmente marginalizadas pelo esquecimento do Estado, pela violência degradante de uma visão etnocêntrica e limítrofe de um mundo que privilegiaria apenas os detentores do poder.

3 CONCLUSÃO

São muitos os caminhos que levam diferentes indivíduos a estabelecerem um contato com determinada cultura. Às vezes, no mais basal dos casos, são os laços familiares; em outros, o envolvimento profissional. Também há uma atratividade pelos valores, pela beleza pela historicidade e os mais diferentes aspectos que se apresentam em sociedade. A língua falada por um povo é apenas uma destas facetas.

Como o dito aqui nas narrativas gravadas nas entrevistas deste trabalho, é necessário revitalizar, promover a valorização da Língua Macuxi. É necessário também repassar o conhecimento desta língua até mesmo ao próprio povo desta cultura, evitando seu esquecimento, sua extinção.

Os povos indígenas, que outrora eram maioria nas terras do sul das Américas, agora, são minoria, e esse massacre não só se apresenta como uma diminuição demográfica, mas como uma violência linguística também, que nitidamente quer impor a visão heterogênea de que há uma língua oficial, em detrimento de outras nuances dos povos brasileiros não poderiam ser legitimamente resguardadas.

As falas destes profissionais revelam uma urgente demanda por novos olhares, novos modelos inclusivos que deveriam já estar dentro dos ambientes acadêmicos da UFRR, visto que, proporcionalmente, Roraima é o estado com maior população indígena do Brasil (BRASIL, 2010). No entanto, não há sequer um único curso de formação superior que atenda a demanda por professores formados em línguas indígenas de Roraima.

Deve ser considerado ainda que o Instituto Insikiran de formação superior indígena da UFRR já tem disponibilizado cursos de extensão em três módulos na Língua Macuxi e Língua Wapishana; no entanto, ainda não há um curso de graduação em nenhuma das línguas dos povos indígenas originários de Roraima (COHEN; FONSECA; CARVALHO, 2016).

Eu, enquanto Macuxi, ainda não me vejo representado, em se tratando desta perspectiva formativa, no ambiente acadêmico desta instituição pública. Conforme o sinalizado nas declarações e o demonstrado neste estudo, línguas de outros países e outras culturas possuem oferta de cursos de graduação na UFRR, no entanto, não há um curso de formação superior em língua indígena nesta instituição. Essa demanda deveria ser observada por esta instituição com o objetivo de promover a perpetuação da prática e conhecimento das línguas indígenas dos povos originários de Roraima.

É muito importante mudar essa realidade, pois, como bem dito pelos entrevistados, é “[...] importante pra cada indígena saber também a sua cultura porque tá morrendo essa cultura, ninguém sabe mais... ninguém fala mais a sua própria Língua” como o dito por W.C.M. (2018). Isso pode ser modificado por meio de atitudes institucionais que viabilizem o direito à formação superior diversificada e multicultural aos povos indígenas de Roraima e a todos aqueles que queiram obter este conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBONIZIO, Aline Cristina de Oliveira. **Educação escolar indígena como inovação educacional: a escola e as aspirações de futuro das comunidades**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, 21p.
- ALVIM, Gustavo. **Autonomia Universitária e Confessionalidade**. Unimep, 1995.
- A. M. **Entrevista concedida em 18 de dezembro de 2018**, por meio de aplicativo de rede social. Boa Vista, 2018.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura** ; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.
- BRASIL, **Características gerais dos indígenas no Censo Demográfico 2010**. IBGE, 2012.
- BRUNER, Jerome. **Life as narrative**. Social Research. 2004.
- C. W. M. **Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2018**, por meio de aplicativo de rede social. Boa Vista, 2018.
- CÉSAR América L; CAVALCANTI, Marilda C. **Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio**. Editora Mercado das Letras, 2007.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A . **Metodologia científica**. Editora Prentice Hall, 2002.
- COHEN, G. V.; FONSECA, T.; CARVALHO, C. A. M. (Orgs). **Gestão e Pesquisa: caminho e aprendizagem**. Ed. UFRR, Boa Vista, 2016.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2011.
- FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso**. *Estudos Lingüísticos*, Contexto, 2012.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura: estudos emergentes**. Ed. Unijuí-RS, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC, 2008.
- I. C. A. **Entrevista concedida em 20 de dezembro de 2018**, por meio de aplicativo de rede social. Boa Vista, 2018.
- MAHER, T., M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: CAVALCANTI, M.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Mercado de Letras, 2007.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.
- ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita: a tecnologização da palavra**. Papirus, 1998.
- POLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. 1989.
- REPETTO, Maxim. **Propostas em cidadania intercultural**. Editora UFRR, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Cortez, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Organizado por Tomaz Tadeu da *Silva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

SORIANO AYALA, E. (coord) **Identidad cultural y ciudadanía intercultural: su contexto educativo**. Editorial La Muralla, 2001.